

# O LOCAL REVISITADO EM LUIS ANTONIO DE ASSIS BRASIL

## PLACE REVISITED IN LUIS ANTONIO DE ASSIS BRASIL

Ilva Maria Boniati<sup>1</sup>

**RESUMO:** A crítica literária brasileira sedimentou a ideia de que o regionalismo seria, em nosso sistema literário, um fenômeno restrito às últimas décadas do século XIX e primeiros anos do século XX. O contexto globalizado atual poderia reforçar este critério, pois rápidas trocas culturais, e um grande fluxo migratório entre países permeiam nossa realidade. Contudo, obras de temáticas locais/ regionais surgem no sistema literário brasileiro, contrariando o que se poderia esperar desse novo cenário mundial. Para ilustrar esse fenômeno, analisaremos a obra *Concerto Campestre*, do escritor gaúcho Luís Antônio de Assis Brasil. Nela, o regionalismo emerge como espaço de negociação de várias identidades. Estabelecendo um jogo de diferenças, impossibilita-nos de vê-lo como resíduo do passado. Assis Brasil resgata a tradição, possibilitando a presentificação de um passado desestabilizador, dizendo-nos do hoje e de nós mesmos, desfazendo, assim, a oposição entre culturas locais e globais.

**PALAVRAS CHAVE:** Literatura brasileira. Identidade. Alteridade

### 1 Introdução: regionalismo em tempos de globalização

A tradição da crítica literária brasileira sedimentou a ideia de que o regionalismo seria, em nosso sistema literário, um fenômeno datado e restrito às últimas décadas do século XIX e primeiros anos do século XX, quando teria sido, então, ultrapassado pelo modernismo<sup>2</sup>. O contexto que vivenciamos hoje poderia reforçar este ponto de vista, uma vez que nos encontramos em plena era da globalização, a qual implica trocas culturais significativas e rápidas, bem como um grande fluxo migratório entre os países. Além disso, o pós-modernismo coloca por terra constructos teleológicos como nação, língua e identidade, reconhecendo tais categorias como elaborações extremamente frágeis, construídas discursivamente e, muitas vezes, aparentemente pouco significativas em um momento em que a noção de *aldeia global* impera. No entanto, é interessante observarmos que obras de temáticas locais/regionais continuam uma constante nos mais diversos sistemas literários, inclusive no brasileiro, contrariando o que se poderia esperar desse novo cenário mundial com o qual nos deparamos.

O crítico uruguaio Ángel Rama, em seu livro *Transculturación narrativa en América Latina*, reflete sobre questões teóricas e críticas, permitindo a compreensão da evolução da

---

<sup>1</sup> Doutora, Universidade de Caxias do Sul. E-mail: imboniat@terra.com.br.

<sup>2</sup> Veja-se, por exemplo, o artigo *Literatura e Subdesenvolvimento*, de autoria de Antonio Candido.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 66-75, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 15 nov. 2010.

narrativa do século XX, a partir do conflito entre os influxos do modernismo e do regionalismo no continente latino-americano.

Segundo Rama, o regionalismo enfrentava por um lado, a oposição das propostas de modelos internacionais aglutinantes, as quais pretendiam a homogeneização cultural dos países. Por outra parte, enfrentava a oposição da narrativa social, a qual iniciava sua difusão na época do antifascismo universal, e aderiu a esquemas importados do realismo socialista crítico. Com técnicas narrativas simples, essa forma literária opunha-se às técnicas do regionalismo, traduzindo diversas perspectivas de grupos setoriais ou de vanguarda que entravam em luta acentuada pela crise econômica.

Entretanto, essa “guerra” (grifo meu) existente entre as correntes literárias estabelecia alguns pontos de contato. O regionalismo trabalhava assuntos rurais e mantinha um vínculo estreito com elementos tradicionais e arcaicos da vida latino-americana, provenientes do folclore. Era, precisamente, dessa fonte folclórica que o modernismo bebia para desenvolver seu romance realista-crítico.

Percebendo que podia ser esmagado na disputa com o modernismo e o realismo crítico, o regionalismo deparava-se, então, com o grande desafio da renovação literária. Preservando um conjunto de valores literários e tradições locais importantes, passava por uma “transmutação”, isto é, tinha de transladar esses valores preservados para novas estruturas literárias, equivalentes, mas não assimiláveis àquelas procedentes da narrativa urbana em suas plurais tendências renovadoras (RAMA, 1982, p. 26).

Na visão do crítico uruguaio, na estrutura social latino-americana, o regionalismo aguçava as particularidades culturais das áreas internas, contribuindo para a inserção de um perfil diferente no cerne da cultura nacional. Por conseguinte, preservava aqueles elementos do passado, que se somavam ao processo de singularidade cultural da nação para transmiti-la no futuro, e para resistir aos embates das inovações estrangeiras. O movimento regionalista ressaltava a tradição, usando, porém, uma fórmula cristalizada da mesma nas expressões literárias. É por isso que, nos embates modernizadores, originários do exterior, e transmitidos pelos portos e capitais, a fragilidade dos valores e dos mecanismos literários expressivos fez com que cedessem, em primeiro lugar, às estruturas literárias. Dessa forma, o regionalismo incorporava novas articulações literárias, procurando, por vezes, o panorama universal, porém, mais amíúde, o panorama urbano mais próximo, tentando evitar a drástica substituição

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 66-75, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 15 nov. 2010.

das bases, procurando, assim, expandi-las até abranger o território nacional. Destarte, para preservar a mensagem da tradição, devia adequá-la às condições estéticas pautadas naquelas cidades (RAMA, 1982, p. 26-27).

O período entre as guerras intensificou o processo de transculturação em todos os âmbitos da vida no continente. A cultura modernizada das cidades, apoiadas em fontes externas, dominava o interior de seus países. As regiões do interior eram colocadas em um dilema: ou recuavam na expansão de suas bases, ou renunciavam a seus valores, baseados na pluralidade de conformações literárias. Os regionalistas fizeram com que não acontecesse a ruptura da sociedade nacional, que passava por uma transformação desigual, achando uma solução intermediária comum, isto é, indo ao encontro das contribuições da modernidade, revisando, à luz das mesmas, os conteúdos culturais regionais. Através da seleção de algumas fontes, compuseram um híbrido capaz de expressar a herança recebida, renovada, e que ainda se comunicava com seu passado (RAMA, 1982, p. 28-29).

Nesse processo de transculturação narrativa, é possível apreciarmos que as invenções dessas novas formas foram facilitadas, em primeiro lugar, pela existência de formações culturais próprias, originárias de um longo processo de acrioulamento de mensagens culturais e de reformulação de seus conteúdos. Podia-se apreciar, então, um aproveitamento e uma oscilação entre a adoção do modelo europeu e a valorização das raízes tradicionais, orais, folclóricas e telúricas. O diálogo entre o regionalismo e o modernismo estabeleceu-se através de um sistema literário autorregulado, amplo, de integração e de mediação funcional. No caso do sistema literário brasileiro não seria diferente (RAMA, 1982, p. 55-56).

Nos postulados do crítico, o impacto modernizador provocou, nas diferentes orientações narrativas, três tipos de momentos. O primeiro momento foi de retrocesso defensivo, isto é, de proteção na cultura materna. O segundo momento foi de exame crítico de seus valores, na medida em que o retrocesso não resolvia nenhum problema, e, também, de seleção de alguns de seus componentes. O terceiro momento foi de absorção do impacto modernizador pela cultura regional. Depois de ter feito o autoexame valorativo e a seleção de seus componentes válidos, redescobriram traços que não tinham sido contemplados sistematicamente, incorporando-os às possibilidades expressivas dessa perspectiva modernizadora (RAMA, 1982, p. 30).

Portanto, não é possível concordarmos com a ideia da superação do regionalismo pelo modernismo, pois o primeiro tem passado sempre por um constante processo de reinvenção. Ainda que os meios de comunicação de massa e a internet tragam para dentro de nossas casas os mais diversos povos e culturas, nos dando a conhecer as mais diversas facetas que a alteridade pode assumir, observamos que as culturas locais não sucumbem às culturas dominantes, mas, tampouco se fecham em si mesmas, reafirmando identidades tácitas. Tanto as construções de alteridade quanto as de identidade não se dão mais de forma categórica, uma vez que tanto a intensidade dos deslocamentos quanto a rapidez dos modernos meios de comunicação coloca essas pretensas classificações em um contínuo movimento de fazer-se e desfazer-se.

Para ilustrar esse fenômeno, analisaremos a obra *O concerto campestre*, do escritor gaúcho Luís Antônio de Assis Brasil, a qual não deixa de utilizar paradigmas identitários, mas, no entanto, não o faz com o intuito de reiterá-los, e sim com o intuito de relê-los, desconstruí-los e reelaborá-los em um novo contexto, capaz de denunciar a violência e as assimetrias de um passado nada idílico.

## **2 Concerto campestre e o reconhecimento da alteridade**

O romance narra a história de um jovem casal – Clara Vitória e Maestro -, cujo amor necessita enfrentar a rigidez das tradições e do código de conduta moral e social do contexto rural sul-rio-grandense do século XIX. Clara Vitória é a única filha mulher de Dona Brígida – mulher conservadora e rude - e do Major Antônio Eleutério - latifundiário e charqueador autoritário, de princípios extremamente rígidos e de pouca cultura. O Major, no entanto, ao ouvir a música de dois índios descendentes das antigas Missões, que passavam, esfomeados, por sua estância, deixa de ver essa arte como diversão de “borrachos e putas” (ASSIS BRASIL, 2008, p.10), e monta sua orquestra particular – *A Lira Santa Cecília* – descobrindo, nela, uma forma de deleite pessoal e, também, de distinção social, uma vez que se compraz em apresentar seus músicos nas missas e em concertos realizados nas redondezas e na própria estância, para os quais convergem pessoas importantes daquela sociedade. Destaque-se, porém, o fato de que a orquestra só se torna realidade com a chegada, na estância, do Maestro - um mineiro, mulato, a quem Dona Brígida, pejorativamente, chamava de “macaco”. Após

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 66-75, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 15 nov. 2010.

ter dado abrigo e comida aos índios guaranis em troca de sua música, o Major e sua família viram chegar à estância um número cada vez maior de outros tocadores, vindos das procedências mais diversas, e que eram asilados nos galpões. Conseqüentemente, toda essa gente acaba trazendo uma grande desordem para a estância, pois lá ficava comendo e bebendo de graça e sem que conseguisse se organizar para tocar algo. A vinda do Maestro, então, faz com que alguma ordem se estabeleça e que do caos nasça a música.

Esses fatos podem nos dar a impressão de que a música mudara o Major, tornando-o menos rígido e mais humano ao deixar-se embeber pela arte; porém a narrativa deixa-nos perceber que os músicos nada mais são, para ele, do que uma extensão de seus escravos e serviçais e um modo de exercitar sua vaidade perante os demais nomes ilustres da Vila de São Vicente. O preconceito racial e social fica ainda mais visível nas colocações feitas por D. Brígida:

Para D. Brígida de Fontes, como de resto para todos os que ela conhecia, tudo que fosse além da Província era o domínio do estrangeiro e do negro. – ‘Negro não, mulato’ – comentou o marido -, ‘tudo é mulato, lá pra cima no Brasil’. – ‘Pois pior, muito pior’ - disse D. Brígida -, ‘porque aqui no Sul é como Deus fez: ou é negro, e é escravo, ou é branco, e homem livre’ (ASSIS BRASIL, 2008, p. 38).

E, abaixo dos escravos e dos serviçais, estão as mulheres, que devem se submeter aos ditames de uma sociedade extremamente machista e conservadora, pautada pelos casamentos arranjados, a qual elas mesmas ajudam a manter na medida em que reproduzem esses valores na educação passada aos filhos e no julgamento que fazem acerca do comportamento das outras mulheres que ousam não seguir as convenções estabelecidas. Veja-se o comportamento de D. Brígida para com a filha: “ - ‘Mãe, preciso aprender a ler’. – ‘E para quê?’- D. Brígida repunha os óculos. – ‘Era um gosto, mãe’. – ‘Primeiro apronte o enxoval. Se aparece algum moço com boas intenções, você está nua’. Clara Vitória não retrucou” (ASSIS BRASIL, 2008, p. 39). Ou, ainda, sua condescendência para com os deslizes masculinos, ao tentar justificar para a filha o fato de que seu pretendente já tinha um filho de quatro anos, fruto de uma aventura com uma das “peonas” de sua estância: “- São coisas de homem [...]” (Id., *ibid.*, p.56).

As empregadas que apareciam grávidas, eram simplesmente expulsas da estância pelo Major, assim como ocorreu com a cozinheira que passou uma noite no quarto do Maestro. A

própria filha, Clara Vitória, ao ter sua gravidez descoberta pela família, não é poupada, sendo excluída do seio familiar e exilada em uma tapera distante.

Tratam-se, pois, de exemplos do quanto o romance de Assis Brasil coloca em xeque a tradição da literatura regionalista gaúcha. Dentre os mitos sobre os quais esta se pautara, estão o da democracia no campo e o do gaúcho como exemplo de virtudes. No primeiro, peões, escravos e estancieiros tratar-se-iam como iguais irmanados pela roda de chimarrão e pelo respeito, embora os textos visivelmente silenciassem as vozes das minorias, ignorando o negro e o indígena ou, quando os registrando, trazendo-os como simples pano de fundo. No segundo, o gaúcho lutaria apenas pelas causas dignas e justas, cometendo tão-somente a violência legitimada, uma vez que, nesse contexto, a barbárie sempre seria delegada ao *outro* (o estrangeiro, o não-gaúcho). Assim, segundo Pesavento (1980, p.69-70), apesar de cantar as virtudes do homem do campo em geral, quando se aponta para exemplos vivos dessa glória, estes sempre pertencem aos elementos ligados à oligarquia rural, legitimando, assim, sua hegemonia e justificando o seu poder.

Esse modelo herdado do romantismo serviu às elites sulinas que se viam ameaçadas pelas mudanças de um país em transição. É exatamente essa a lógica adotada pelo grupo de intelectuais sul-rio-grandenses que funda, em 1868, a *Sociedade Partenon Literário*, cuja proposta assentava-se em trabalhar a temática local através de modelos culturais vigentes na Europa, cabendo aos seus integrantes

o esforço para a louvação dos tipos representativos mais caros à classe dirigente. Sedimenta-se ali o início da apologia de figuras heróicas [*sic*], alçadas à condição de símbolos da grandeza rio-grandense. Encontra-se na sedição farroupilha os paradigmas de honra, liberdade e igualdade que se tornariam inerentes ao futuro mito do gaúcho, dissolvendo-se os motivos econômicos e as diferenças entre as classes, existentes no conflito. [...] Compreende-se a apologia em função do surgimento nas cidades, em especial Porto Alegre, de jovens ‘ilustrados’ – oriundos de setores intermediários – que iriam usar as ‘belas letras’ como alavanca para sua escalada. [...] Articulava-se uma troca: ascensão, prestígio ou simples reconhecimento cambiados por subideólogos, aptos a oferecer fórmulas (amenas à oligarquia) de representação da realidade, e por artistas, capazes de pôr em prosa e verso as qualidades varonis dessa mesma oligarquia (GONZAGA, 1980: p.125-126).

O romance *Concerto campestre*, aparentemente, poderia constituir mais uma abordagem maniqueísta em que o autor apresenta mundos antagônicos representados pelo forasteiro – o Maestro, homem vivido e do mundo -, o qual brindaria aquelas paragens, quase

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 66-75, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 15 nov. 2010.

perdidas no tempo e no espaço de uma realidade rude e atávica, com a cultura representada pela arte de sua música. No entanto, essa seria uma leitura reducionista, talvez influenciada pelo paradigma da literatura regionalista sul-rio-grandense, de herança romântica e real-naturalista, centrada na oposição entre mundo civilizado *versus* mundo bárbaro. Sob o ponto de vista do romantismo, o campo seria o local onde se encontrariam os verdadeiros valores do homem, enquanto a cidade seria o lugar da degradação do ser - humano. Já sob a ótica do real-naturalismo, o campo, na maioria das vezes, era o espaço do atraso, da brutalidade e da ignorância, moldando seus habitantes a essas circunstâncias. De qualquer modo, a polarização quase sempre imperou nas narrativas brasileiras do século XIX e do princípio do século XX que tentaram tematizar espaços e homens locais.

Observa-se que, na obra de Assis Brasil, porém, o regionalismo emerge como espaço de negociação, não de uma única, mas de várias identidades, através do estabelecimento de um jogo de diferenças, impossibilitando-nos de vê-lo como mero resíduo do passado. Assis Brasil resgata a tradição, e não o tradicionalismo, o qual acarreta a monumentalização da memória, tornando-a fetiche e desalojando-a de qualquer conteúdo reivindicativo e questionador. Ao valer-se da tradição, não nos transporta a um tempo imóvel – o do tradicionalismo. Ao contrário, possibilita-nos a presentificação de um passado que nos desestabiliza, dizendo-nos também do hoje e de nós mesmos, desfazendo a oposição entre culturas locais e globais.

No lugar da oposição, Assis Brasil institui a “contaminação” ou o imbricamento de um oposto a outro, de modo que não há uma aculturação de um pelo outro. Ao contrário, ambos são afetados pelo outro na mesma medida em que também o afetam. Desse modo, o Maestro, exemplo de outra realidade, oriundo de um mundo cujas fronteiras desconhecem limites, afeta o novo contexto que o acolhe: sua música-representativa da cultura e do mundo “civilizado” – parece abalar as estruturas que sustentam aquela sociedade rural: faz, por exemplo, com que o Major delegue suas funções administrativas da estância à esposa e dedique-se à orquestra; faz com que Clara Vitória, antes completamente influenciada pela cosmovisão da mãe, passe a perceber o mundo e a si mesma de forma independente e completamente nova:

Clara Vitória descobria que gostava de falar. O Maestro dedicava um largo tempo a escutá-la, sentado à mesinha, olhando-a com uma rigidez tensa que, às vezes, a perturbava: - ‘Não está me ouvindo’. – ‘Estou. E vou ouvir por quanto tempo você

quiser’. – ‘Não vai escrever música hoje?’ – ‘Isso pode esperar’. [...]. (ASSIS BRASIL, 2008, p. 90).

Por outro lado, o Maestro não só influencia como também é influenciado pela nova realidade que o cerca: antes um mulherengo convicto, deixa-se transformar pela pureza do amor de Clara Vitória, negando-se a esquecê-la e retornando a São Vicente, após a dissolução da orquestra perante a notícia da gravidez de Clara, para assumir a ela e ao filho que espera. Muda, também, seu comportamento altivo e prepotente com relação aos músicos que lhe eram subordinados:

Ao ver que a orquestra entra entre os bancos da igreja, conduzida pelo Maestro, ela[ Clara Vitória] atenta: é também um varão bonito naqueles belos trajes, desempenado e forte, mas capaz de esperar, paciente, que os músicos se instalem; depois, passando de um a um, incentiva-os com um afago nos ombros, e dá ordens a Rossini. Não é mais o bruto, o que gritava com eles ao menor deslize, e nessa mudança ela enxerga algo de si (ASSIS BRASIL, 2008, p. 82-83).

Ao final, os dois amantes passam por um período de solidão e reclusão, como se este fosse necessário para reorganizarem seu espaço interior na assimilação da alteridade que os afetara: o Maestro vai para Porto Alegre, onde não para de pensar em Clara Vitória e no que viveram juntos, até resolver retornar a São Vicente para, definitivamente, assumir seu novo “eu”, constituído por Clara e o filho. Por outra parte, Clara Vitória, ao ter sua gravidez descoberta, é obrigada a exilar-se do mundo em uma tapera abandonada no boqueirão – um lugar cercado de superstição pelos habitantes locais, que o viam como mal-assombrado. O Vigário, tempos antes, ao visitar uma videira que aí ficava, assim o descreve: “Menos quatro graus’. – E olhou para cima: ‘Nuvens inexplicáveis... baixas, pesadas’. O silêncio era total, e os homens mal continham a respiração. O vigário anotou na caderneta: *O Caos primitivo do Gênese. Ou o Juízo Final* (ASSIS BRASIL, 2008, p.17-18). É nesse lugar que Clara passa os últimos meses de sua gravidez e onde dá a luz. Dona Brígida (que abandona a casa para voltar à terra de seus familiares) e o Major (que se suicida), representantes dos códigos morais e de conduta que imperavam, perdem seu espaço para o nascimento do novo, convergência entre o eu e o outro, representado no bebê de Clara e do Maestro. “A gênese” – a origem de uma nova ordem – não significa suplantando o passado ou sobrepor um dos pólos da relação ao outro. Significa, antes, relê-los, reinterpretá-los, requalificá-los à luz dos desafios dos novos tempos.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 66-75, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 15 nov. 2010.



### 3 Considerações finais: convergências entre o local e o global

A civilização não vence a barbárie nesse romance, simplesmente porque uma ou outra nunca estiveram completamente designadas a um ou outro personagem. Todos, coerentemente, carregavam traços de ambas. Esse novo olhar sobre a temática local, tão bem representada pela obra de Assis Brasil, justifica como o regionalismo continua fazendo-se atual e presente no nosso sistema literário em plena era da globalização:

Não se trata, portanto, de pensar regressivamente na substituição do global pelo local [...], [mas de] ter sob a mira, ao mesmo tempo, a semelhança e a diferença entre o global e o local [...]. Não aquele local de antigas [ou imaginadas] identidades sólidas e exclusivas, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas, mas um local que opera dentro da lógica da globalização, ou seja, que produz e elabora conjuntamente identificações globais com identificações locais novas. Vale dizer, *identidades locais multilocalizadas* (HALL apud PIERUCCI, 1999, p. 156, grifos do autor).

Logo, a questão que se coloca é: como trabalhar as fronteiras próprias de uma cultura? Como ultrapassá-las, rompê-las, sem deixar de levá-las em conta? Segundo Nercolini (2005),

se as fronteiras forem tomadas enquanto pontes que possibilitam o diálogo e não muros que os impedem, outros caminhos se abrem. Para me aproximar de outra cultura e tentar traduzi-la para a minha, às vezes é preciso ‘desrespeitar’ a minha própria, transgredi-la, romper com os seus limites e acolher o outro. A ruptura parece fundamental para não se reduzir o alheio ao que é próprio do meu mundo.

A ruptura de Assis Brasil está, justamente, no negar-se a repetir um discurso de identidades unívocas e tácitas, ao romper, como vimos, com mitos identitários consagrados desse sistema literário. Por outro lado, o regional, em sua obra, passa a funcionar como um *locus* de resistência à homogeneização em seu movimento de levar ao centro aquilo e aqueles que estão nas margens. Para tanto, não necessita negar o global, mas, antes, traduzi-lo de modo a revitalizar-se. Daí resulta um novo modo de conceber o regionalismo, que não pode mais ser visto como mero resíduo do passado, mas, segundo Stuart Hall (2003, p. 61-74), como algo novo: uma espécie de sombra que acompanha a globalização de modo que o que é deixado de lado pelo fluxo panorâmico da globalização, retorna para perturbar e transformar seus estabelecimentos culturais. Dessa forma, torna-se perfeitamente compreensível que o

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 66-75, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 15 nov. 2010.

velho articule-se com o novo, o passado com o presente e a tradição com a *modernidade*, pois a tradição fornece vínculos e estruturas que funcionam como um repertório de significados aos quais os indivíduos cada vez mais recorrem a fim de darem um sentido ao mundo, sem, no entanto, atarem-se vigorosamente a eles; ao contrário, passam a fazer parte de uma relação dialógica mais ampla com a alteridade, negociando, e não sufocando, a tensão existente entre o local e o global.

**ABSTRACT:** Brazilian literary critics have strengthened the idea that regionalism – in our literary system – would be a phenomenon, restricted to the last few decades of the XIX century and the early years of the XX century. The current global context could well reinforce that criterion, for fast cultural changes, as well as a large migratory flow among countries permeate our reality. However, literary works describing local/regional themes come into being in the Brazilian literary system – contradicting expectations from this new worldwide scenery. To illustrate that phenomenon, we analyze *Concerto Campestre*, by the Gaucho author Luís Antônio de Assis Brasil. In that piece of work, regionalism emerges as a space for the negotiation of many identities. By establishing a game of differences, he makes it impossible for us to see regionalism as a residue of the past. Assis Brasil rescues tradition and, in doing so, he makes it possible to bring to the present a destabilizing past. He also tells us things about today and ourselves, undoing the opposition between local and global cultures.

**KEYWORDS:** Brazilian literature. Identity. Alterity.

## Referências

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *O concerto campestre*. 11. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: DACANAL, J; GONZAGA, S. (Orgs). *Rio Grande do Sul: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

NERCOLINI, Marildo J. *A construção cultural pelas metáforas: A MPB e o Rock Nacional Argentino repensam as fronteiras globalizadas*. (Tese de Doutorado) – Ciência da Literatura, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jathay. Historiografia e ideologia. In: DACANAL, J; GONZAGA, S. (orgs). *Rio Grande do Sul: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 66-75, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 15 nov. 2010.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*: Fundación Ángel Rama, 1982.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 66-75, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 15 nov. 2010.